

## UM ESPAÇO SONORO PARA PAUTAS INDÍGENAS: O CASO DO PODCAST AMAZÔNIA INDÍGENA DURANTE A MOBILIZAÇÃO DO ACAMPAMENTO TERRA LIVRE (ATL) EM 2023

*A SONIC SPACE FOR INDIGENOUS AGENDAS: THE CASE OF THE AMAZÔNIA  
INDÍGENA PODCAST DURING THE MOBILIZATION OF THE ACAMPAMENTO  
TERRA LIVRE (ATL) IN 2023*

*UN ESPACIO SONORO PARA TEMAS INDÍGENAS: EL CASO DEL PODCAST  
AMAZÔNIA INDÍGENA DURANTE LA MOVILIZACIÓN DEL CAMPAMENTO  
TIERRA LIBRE (ATL) EN 2023*

*Original recebido em: 14 de setembro de 2024  
Aceito para publicação em: 27 de novembro de 2024  
Publicado em: 30 de dezembro de 2024*

Gessiela Nascimento da Silva  
Ariel Rocha  
Isabel Maria Sousa  
Quezia Alencar

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo •

### RESUMO

Este artigo examina a tematização do *podcast* Amazônia Indígena, produzido pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e disponibilizado no Spotify entre abril e junho de 2023, durante o Acampamento Terra Livre (ATL). O estudo utiliza a primeira categoria da Análise Audioestrutural do Podcast (Silva, 2022) para identificar como o *podcast* aborda temas centrais como direitos indígenas, território, educação e questões energéticas. A análise revela que o *podcast* serve como uma ferramenta dinâmica para a mobilização indígena, oferecendo uma plataforma eficaz para discutir e promover a visibilidade de pautas relevantes para as comunidades da Amazônia. A pesquisa sublinha a importância dos formatos sonoros na ampliação do alcance e impacto das vozes indígenas.

**Palavras-chave:** *Podcast*; Formato Sonoro; Amazônia Indígena; Direitos; Mobilização.

### ABSTRACT

This article examines the thematization of the podcast Amazônia Indígena, produced by the Coordination of Indigenous Organizations of the Brazilian Amazon (COIAB) and available on Spotify between April and June 2023, during the Acampamento Terra Livre (ATL). The study employs the first category of the Audio-Structural Analysis of the Podcast (Silva, 2022) to identify how the podcast addresses central themes such as indigenous rights, territory, education, and energy issues. The analysis reveals that the podcast serves as a dynamic tool for indigenous mobilization, providing an effective platform to discuss and promote the visibility of relevant issues for Amazonian communities. The

research underscores the importance of audio formats in expanding the reach and impact of indigenous voices.

**Keywords:** Podcast; Audio Format; Amazônia Indígena; Rights; Mobilization.

## RESUMEN

Este artículo examina la tematización del podcast Amazônia Indígena, producido por la Coordinación de Organizaciones Indígenas de la Amazonía Brasileña (COIAB) y disponible en Spotify entre abril y junio de 2023, durante el Acampamento Terra Livre (ATL). El estudio utiliza la primera categoría del Análisis Audioestructural del Podcast (Silva, 2022) para identificar cómo el podcast aborda temas centrales como derechos indígenas, territorio, educación y cuestiones energéticas. El análisis revela que el podcast sirve como una herramienta dinámica para la movilización indígena, ofreciendo una plataforma eficaz para discutir y promover la visibilidad de temas relevantes para las comunidades de la Amazonía. La investigación subraya la importancia de los formatos sonoros en la ampliación del alcance e impacto de las voces indígenas.

**Palabras-clave:** Podcast; Formato Sonoro; Amazônia Indígena; Derechos; Movilización.

## 1. INTRODUÇÃO

Somam-se duas décadas<sup>1</sup> desde o surgimento do *podcasting* em âmbito mundial, visto por uns como o “primo” do rádio, mas, por outros, algo totalmente distinto. Mesmo não sendo essa a discussão, o *podcast* é compreendido como um formato emergente que continua se destacando na paisagem da comunicação contemporânea, permitindo que o público o consuma em qualquer lugar e a qualquer momento.

No *Inside Audio da Kantar Ibope Media* (2023, p. 2), o *podcast* é apresentado como um formato sonoro de “conveniência e personalização” por captar o interesse do usuário, “transformando o áudio em uma experiência sob demanda”. Mesmo a pesquisa se aprofundando no meio radiofônico, o *podcast* e os serviços de *streaming* de áudio são destaques como novos modelos de consumo da informação.

Assim, focamos no *podcast* Amazônia Indígena, objeto empírico deste artigo, que se destaca na podosfera<sup>2</sup> por abordar questões relevantes enfrentadas pelas comunidades indígenas na região amazônica. Com uma temática central voltada para a defesa dos direitos indígenas, o programa enfatiza a proteção e a demarcação de territórios. Ele se apresenta como um espaço onde o ouvinte “acompanha a perspectiva indígena sobre as principais pautas da Amazônia”, oferecendo “notícias, análises e mobilizações em um só lugar” (Sobre, 2023).

---

<sup>1</sup> A primeira menção ao termo foi em 2004.

<sup>2</sup> Faz alusão a blogosfera, é um termo usado para representar a comunidade de podcasters (Luiz, 2011).

Para entender melhor o contexto abordado pelo *podcast*, é importante considerar a formação populacional da região amazônica. Utilizando a organização político-geográfica da Amazônia Legal, essa área abrange estados além da região Norte, como Acre, Amapá, Amazonas, parte do Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Esses locais são caracterizados pela grande presença de populações indígenas e quilombolas, além de outras comunidades tradicionais.

A Amazônia Legal abriga a maioria da população indígena do Brasil, totalizando aproximadamente 870 mil pessoas. São mais de 180 povos, além de 115 registros de grupos isolados. A Terra Yanomami, situada em Roraima e no Amazonas, é lar de mais de 27 mil indígenas. O território desempenha um papel importante na proteção dos direitos de identidade, e suas populações possuem vastos conhecimentos essenciais para a manutenção de uma vida sustentável na região.

O Brasil e, especialmente, a Amazônia viveram diversas transformações culturais que atravessaram ao longo de sua história, moldadas por uma complexa interação entre diferentes grupos étnicos e influências externas. Para Ijuim (2020), o “descobrimento” plantou uma semente do pensamento eurocentrista que definiu a maneira como se constituiria uma identidade nacional. No entanto, é importante destacar que a identidade nacional brasileira é multifacetada e incorpora uma ampla gama de influências culturais, tornando-a única e diversificada.

Ao direcionarmos nosso olhar para a comunicação indígena e suas estratégias de visibilidade, destacamos o papel significativo desempenhado pelo *podcast* Amazônia Indígena, o qual oferece uma perspectiva autêntica e vivencial das comunidades nativas do Brasil. Durante o Acampamento Terra Livre (ATL), esse programa se destacou como um meio de comunicação, transmitindo as ações e as narrativas fundamentais desse evento aos seus ouvintes.

Assim, este artigo pretende identificar as principais temáticas apresentadas no *podcast* Amazônia Indígena, produzido pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), durante a mobilização do ATL, no mês de abril. Para tanto, foi realizado um recorte temporal de 2023, focando na análise das categorias audioestruturais, conforme proposto por Silva (2022), visando compreender tanto o perfil do programa quanto as temáticas abordadas no período. No geral, podemos observar um foco na visibilidade e nos direitos indígenas, e como isso infere nos territórios, na educação e na vida, em geral, dos povos originários.

## 2. O CONTEXTO AMAZÔNICO DOS POVOS INDÍGENAS

A análise da região amazônica transcende a simples descrição de seu patrimônio natural, revelando dinâmicas históricas de exploração que refletem um legado imperialista e colonialista ainda presente. O Brasil, ao longo de sua história, foi submetido a processos que privilegiaram a apropriação de suas terras e recursos, resultando em desigualdades estruturais e em uma continuidade de práticas de dominação. Sob o discurso do “desenvolvimento”, a Amazônia foi transformada em palco de exploração econômica, cujos principais beneficiários foram grandes capitais, enquanto as populações locais se viram marginalizadas, submetidas ao subemprego e à destruição ambiental.

Tais políticas, longe de promoverem progresso para a região, ampliaram o fosso social e econômico, como destaca Marques (2019). O discurso de modernização serviu como justificativa para a expansão de interesses estrangeiros e nacionais, ao mesmo tempo em que produziu estereótipos e imagens distorcidas da Amazônia e de seus habitantes. Ao classificar a região como exótica e “vazia”, as elites políticas e econômicas reiteraram uma visão que legitimou a violência física e simbólica contra os povos indígenas, retratando-os como incapazes de exercer controle sobre suas terras.

O conceito de “amazonialismo”, como propõe Albuquerque (2016), evidencia como o conhecimento sobre a Amazônia foi historicamente construído a partir de uma perspectiva colonial. Esse conceito não apenas representa a Amazônia como um objeto passivo de análise científica, mas também reflete como a região foi inserida nas dinâmicas do imperialismo global. A produção de narrativas que retratam a Amazônia como um espaço a ser dominado reforça estigmas que moldam percepções tanto no plano individual quanto no coletivo, perpetuando o colonialismo sob novas formas.

Entre as representações mais recorrentes da Amazônia, termos como “vazio” e “selvagem” são emblemáticos, servindo como justificativa para políticas expansionistas e de exclusão. Ao tratar a região como desprovida de “humanidade” e de capacidade intelectual, justificou-se o contínuo desrespeito à sua população e à sua cultura. Mesmo atualmente, o discurso desenvolvimentista, travestido de necessidade econômica, mascara a violência sistêmica que expulsa os povos indígenas e continua a expropriar seus recursos em nome de um capital global.

O que se observa é a persistência de uma lógica colonial que, sob diferentes roupagens, continua a reconfigurar o território amazônico em função de interesses externos. A imprensa e a sociedade em geral, ao perpetuarem visões eurocêntricas e estereotipadas, contribuem para a

manutenção de representações distorcidas e violentas sobre a Amazônia e os seus habitantes. Isso impede uma compreensão mais crítica das lutas históricas dos povos indígenas por autonomia e pela preservação de seus territórios.

### *2.1. O cenário da comunicação na Amazônia e a representação dos povos indígenas*

O Atlas da Notícia (2022) revela que as regiões Norte e Nordeste do Brasil ainda são amplamente desprovidas de cobertura jornalística, configurando-se como “desertos de notícias”. Em fevereiro de 2022, o Nordeste contava com 2.583 veículos de imprensa, representando 18,8% do total nacional, enquanto o Norte tinha apenas 1.106 veículos, o que corresponde a 8% do total.

Notavelmente, 63,1% do território da Região Norte permanece sem cobertura jornalística, deixando 284 dos 450 municípios desprovidos de veículos locais que produzam conteúdos de interesse público. Esse cenário sublinha uma disparidade acentuada na produção midiática, concentrada no Sudeste, que responde por 33,7% da produção jornalística nacional, e no Sul, com 25,3%, onde se encontram as principais redes de comunicação.

A pesquisa do Atlas (2023) também revelou que, no Norte, a maioria dos veículos está no meio digital, com 458 registros, seguidos por rádio e televisão, com 297 e 207, respectivamente. O impresso é o segmento menos representado, com apenas 116 jornais. Dados sobre o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação em 2020 indicam que a região Norte enfrenta sérias dificuldades de conectividade. No entanto, os dados de 2023 mostram uma redução significativa dos desertos de notícias.

Desde o início da pesquisa em 2017, este é o menor número de municípios desprovidos de pelo menos um veículo de comunicação. A pesquisa de 2023 revelou uma diminuição de 8,6% no total de desertos noticiosos, com 256 municípios a menos na contagem, embora ainda permaneçam 2.712 cidades e 26,7 milhões de brasileiros sem acesso a notícias locais.

Na região Norte, novos veículos foram registrados em 95 municípios, enquanto o Nordeste teve 87 municípios a menos na lista de desertos noticiosos. A expansão do meio digital e o surgimento de rádios comunitárias têm sido fundamentais para a redução dos desertos noticiosos. Em comparação com o mapeamento de 2022, o Atlas registrou 575 novas iniciativas digitais e 239 rádios adicionais.

No entanto, a representação midiática dos povos indígenas permanece um desafio, pois uma visão predominante, influenciada por estereótipos eurocêntricos, historicamente marginalizou e distorceu as identidades indígenas. Neves, Corrêa e Tocantins (2016)

argumentam que a identidade indígena foi construída sob uma perspectiva que desconsiderava suas práticas culturais e sociais, impondo uma visão inferiorizada e homogênea.

Materiais culturais e midiáticos, incluindo documentos, filmes e notícias, têm perpetuado uma visão unilateral, predominando a perspectiva do não indígena e ignorando a diversidade e riqueza das culturas indígenas. Os autores destacam que a mídia tem mediado historicamente o contato entre indígenas e não indígenas, papel antes exercido pelos europeus, depois pelo Estado brasileiro e, atualmente, também pelas redes sociais.

A internet oferece aos grupos sub-representados uma plataforma para participar ativamente da narrativa midiática, permitindo-lhes destacar temas culturais, territoriais e rituais conforme sua perspectiva endógena. A presença digital, por meio de portais, redes sociais e publicações de vídeos, tem possibilitado que as vozes indígenas ocupem um espaço comunicacional até então dominado por narrativas externas.

Essa participação digital fortalece um imaginário que valoriza formas alternativas de organização social e bem-viver, promovendo estruturas de diálogo e informação voltadas para as questões de interesse dos povos indígenas. Assim, organizações coletivas indígenas desempenham um papel crucial na garantia de seus direitos e no enfrentamento de discursos hegemônicos que perpetuam sua marginalização.

### **3. POVOS INDÍGENAS E OS MEIOS SONOROS NO BRASIL**

Nas últimas décadas, os povos indígenas no Brasil têm se apropriado dos meios de comunicação como uma ferramenta estratégica para contestar estereótipos e promover sua própria representação. Conforme Arruda (2001), a ascensão de iniciativas como programas de rádio e produções audiovisuais permite que os indígenas ocupem uma posição de protagonismo, principalmente na criação de conteúdos que refletem suas realidades e desafios. Essa apropriação das mídias sonoras tem sido essencial na construção de narrativas autênticas, contrastando com a visão frequentemente distorcida veiculada pelos meios tradicionais.

O pioneirismo na mídia sonora indígena brasileira começou com o Programa de Índio, transmitido entre 1985 e 1991. Apresentado por Ailton Krenak e Álvaro Tukano, o programa abordava temas fundamentais como território e direitos indígenas durante um período de intensa mobilização política, marcada pela Assembleia Constituinte. Enquanto isso, a mídia convencional, exemplificada pelo jornal O Estado de São Paulo (1987), retratava frequentemente os indígenas como ameaças à soberania nacional, reforçando estereótipos prejudiciais.

O cenário midiático indígena continuou a evoluir com o surgimento da primeira webrádio indígena, Yandé, em 2013, e do *podcast* Copiô, Parente em 2017, produzido pelo Instituto Socioambiental (ISA). Estes veículos têm sido fundamentais para disseminar informações e notícias relevantes para as comunidades indígenas e o público, alcançando uma audiência significativa por meio de múltiplas plataformas, incluindo rádios na Amazônia e listas de transmissão no WhatsApp.

A formação de comunicadores indígenas jovens tem sido uma prioridade para diversas organizações, como exemplificado pela Rede Wayuri. Desde 2017, este grupo produz um boletim de áudio com temas de interesse para vários povos da região do Rio Negro. Este trabalho, apoiado por organismos internacionais e reconhecido por ONGs como Repórteres Sem Fronteiras, ilustra a crescente capacidade dos indígenas de criar e disseminar conteúdo informativo, mesmo durante crises como a pandemia de Covid-19.

Outras iniciativas destacam-se pelo impacto e alcance internacional. A campanha “Sangue Indígena: Nenhuma Gota Mais” de 2019, por exemplo, utilizou um *podcast* para documentar a denúncia de violações de direitos por lideranças indígenas em países europeus. Similarmente, o canal Janeraka, do povo Awaeté-Asurini, empregou o formato sonoro para registrar sua história e experiências de contato com não indígenas, como parte de um esforço contínuo de preservação cultural.

A Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) também tem desempenhado um papel significativo no apoio à comunicação indígena durante a pandemia, com iniciativas como os *podcasts* Mulheres Indígenas em Movimento e Atenção, Txai!, criados em 2020. Estes programas, desenvolvidos em colaboração com ONGs e coletivos de professores e mulheres indígenas, abordam questões cruciais para as comunidades locais.

Além disso, o Itaú Cultural, por meio do *podcast* Mekukradjá – Círculo de Saberes, apresenta lideranças indígenas de destaque e aborda temas de relevância política, social e cultural. Este *podcast*, no ar desde 2016, tem contribuído para desconstruir estereótipos e ampliar a visibilidade das lideranças indígenas.

Durante a pandemia, a mídia sonora mostrou-se essencial na disseminação de informações sobre prevenção e atualizações sobre a Covid-19. Exemplos incluem os áudios produzidos pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR) e pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), que ofereceram informações em várias línguas indígenas e coordenaram esforços de apoio à saúde e ao bem-estar das comunidades.

Instituições de ensino superior também têm contribuído para a valorização das culturas indígenas por meio de *podcasts*, como os da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Estes projetos buscam promover a educação e o diálogo intercultural, destacando o trabalho de estudantes e pesquisadores na criação de conteúdos que valorizam as culturas indígenas. No Centro-Oeste, a Universidade de Brasília (UnB) produz o *podcast* A Voz Indígena, que visa dar visibilidade às causas e às lutas indígenas, enfatizando a importância do trabalho artístico e social das comunidades.

Esse panorama de produções sonoras indígenas demonstra um esforço coordenado para ocupar espaços de comunicação e destacar questões fundamentais para a garantia dos direitos dos povos indígenas (Sousa, 2022). A crescente produção e disseminação de conteúdo sonoro representa uma estratégia eficaz para garantir visibilidade e engajamento em um contexto dominado por narrativas externas e frequentemente distorcidas.

#### 4. METODOLOGIA E ANÁLISE DA PESQUISA

A voz é um elemento crucial na criação de conexões entre o ouvinte e o mundo, e, através do espaço sonoro, o *podcast* Amazônia Indígena facilita essa interação ao transportar os ouvintes para temas de interesse específico em um formato narrativo (Viana; Chagas, 2021). O objetivo desta pesquisa é analisar a estrutura do *podcast* Amazônia Indígena, utilizando a primeira categoria da Análise Audioestrutural do Podcast (Silva, 2022). Essa análise abrange os seguintes aspectos: a) ano, b) estrutura, c) espaço de circulação, d) tipo, e) periodicidade, f) apresentação, g) participação, h) extensão, i) duração, j) formato do programa e k) associação.

A Análise Audioestrutural é um protocolo desenvolvido para identificar e compreender a estrutura dos programas, as fontes utilizadas em cada episódio e os conteúdos abordados. Baseia-se na integração de categorias adaptadas do protocolo de “Análise de Conteúdo”, de Bauer (2002) e Bardin (2006), e da “Análise da Materialidade Audiovisual”, de Coutinho (2016). Este protocolo visa combinar aspectos quantitativos e qualitativos para uma análise abrangente do material (Silva, 2022, p. 66).

Os critérios para a escolha dos episódios analisados seguiram parâmetros previamente estabelecidos, levando em consideração a relevância dos temas abordados, a representatividade dos episódios dentro da série do *podcast* e sua conexão com os objetivos da pesquisa, dentro do recorte de abril de 2023, momento em que ocorre o Acampamento Terra Livre (ATL) em Brasília.

Os dados coletados foram tratados a partir de um processo sistemático de escuta e transcrição de episódios selecionados. Durante a transcrição, foi preservada a integridade das falas e do estilo narrativo, visando manter a fidelidade ao conteúdo original. Após essa etapa, os episódios foram categorizados com base nos critérios da Análise Audioestrutural, identificando padrões e elementos-chave na estrutura e nos formatos utilizados.

O processo de análise é organizado em três grupos principais:

**Estrutura do *podcast*:** fornece uma visão geral essencial para observar os demais elementos e construir o perfil do programa.

**Fontes dos episódios:** examina a abordagem e apresentação dos temas, bem como as fontes convidadas.

**Conteúdo sonoro e descritivo:** explora as dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas dos temas discutidos e suas inter-relações.

CATEGORIA	UNIDADE
Ano	2021
Estrutura	notícias
Espaço de Circulação	Exclusivo
Tipo	Por temporada
Periodicidade	Semanalmente
Apresentação	Luene Karipuna e Pepyaka Krikati
Participação	Simples Espontâneo
Expansão	Rede social
Duração	Curto
Design do Programa	Capas Temáticas e Vinhetas Originais
Associação	ONG

Quadro 1 - Estrutura do podcast Amazônia Indígena. Fonte: As autoras, 2024.

O *podcast* Amazônia Indígena, lançado em agosto de 2021, é disponibilizado exclusivamente no Spotify e se apresenta como um espaço dedicado a fornecer uma perspectiva indígena sobre as principais questões da Amazônia. Descrito como um ponto de convergência

para notícias, análises e mobilizações, o *podcast* é uma iniciativa da Rede COIAB de Jovens Comunicadores Indígenas (Sobre, s/d).

Conforme a classificação de noticiabilidade proposta por Viana e Chagas (2021), que se baseia nas definições de María Pilas Martínez-Costa e Eva Lus Gárate, o Amazônia Indígena é categorizado como um *podcast* de alta noticiabilidade. Esta classificação é aplicada a *podcasts* diários ou semanais e reflete a estrutura do programa, que apresenta episódios curtos, com duração de até 15 minutos. O formato conciso permite que o programa funcione como um resumo de notícias, adequado para fornecer atualizações breves em horários específicos do dia (Viana; Chagas, 2021, p. 11).

O *podcast* é produzido em colaboração com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e segue uma programação sazonal, com uma frequência semanal de episódios. Cada edição aborda um tema específico e é acompanhada por uma capa ilustrativa, alinhada com a agenda semanal da COIAB.

A apresentação do Amazônia Indígena é realizada por Luene Karipuna e Pepyaka Krikati. A ficha técnica do programa revela que Luene Karipuna é responsável pelo roteiro, enquanto a edição é conduzida por Tsamie Xavante. Com uma equipe diversa, a revisão é feita por Mitã Xipayá, Alana Manchineri, Isabel Babaçu e Jakeline Xavier. O *podcast* adota um formato de participação simples, sem a inclusão de convidados externos, o que reflete uma abordagem direta e focada.

Além do conteúdo do *podcast*, a presença do Amazônia Indígena se estende às mídias sociais. O perfil da COIAB no Instagram, que é uma plataforma associada ao *podcast*, possui 44,9 mil seguidores e conta com mais de 4 mil publicações relacionadas às questões indígenas. Essa integração com as redes sociais amplia o alcance e a visibilidade do *podcast*, promovendo uma maior interação com o público e a disseminação das temáticas abordadas.



Imagem 1 - Episódios 17 e 21 | Podcast da Amazônia Indígena. Fonte: Captura de Tela - Spotify (2024).

#### 4.1. Análise da cobertura do podcast *Amazônia Indígena* entre abril e junho de 2023

Entre abril e junho de 2023, o *podcast* *Amazônia Indígena* desempenhou um papel relevante, não apenas como transmissor de informações sobre a luta pelos direitos indígenas, mas também como um espaço de construção e amplificação de narrativas políticas e sociais. Ao se concentrar no Acampamento Terra Livre (ATL), o *podcast* não se limitou a cobrir os eventos, mas assumiu uma posição estratégica ao articular temas centrais da luta indígena.

O ATL, promovido pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) desde 2004, representa um momento crucial de protesto, mas também de afirmação política e de resistência cultural. Em 2023, com o tema “O futuro indígena é hoje. Sem demarcação, não há democracia!”, o evento foi uma oportunidade para refletir sobre a interdependência entre os direitos territoriais e a democracia brasileira, colocando em xeque as políticas governamentais que violam os direitos indígenas.

Durante o ATL, o *podcast* produziu uma série de episódios que, ao invés de descrever meramente os acontecimentos, se dedicaram a analisar as dimensões políticas, sociais e históricas do movimento indígena. O episódio de 25 de abril (episódio 16), que abordou a chegada das delegações ao acampamento, não só relatou o evento, mas também destacou a unidade estratégica e a força política dos povos indígenas em suas reivindicações.

A maneira como o *podcast* tratou a coesão entre os povos revelou uma tentativa de valorizar o protagonismo indígena, conectando essa mobilização à construção de uma narrativa de resistência contínua, que ultrapassa o momento do protesto e se insere em um contexto de luta constante por direitos fundamentais.

No episódio de 26 de abril (episódio 17), o foco foi na exploração de recursos naturais em terras indígenas, em particular o garimpo ilegal, que tem sido uma das maiores ameaças aos territórios indígenas. A abordagem do *podcast* sobre a necessidade de monitoramento das terras enfatizou o alerta sobre a exploração, mas um reflexo da urgência em garantir a soberania territorial indígena.

A conexão entre a proteção ambiental e a defesa dos direitos indígenas foi discutida para evidenciar que o enfrentamento da exploração ilegal está intrinsecamente ligado à proteção de identidades culturais e à manutenção de modos de vida ancestrais, muitas vezes ignorados ou desconsiderados em debates políticos mais amplos.

DIA	EPISÓDIO	PAUTA
25 abril 2023	EP 16	Acampamento Terra Livre, 1º dia
26 abril 2023	EP 17	Acampamento Terra Livre, 2º dia
27 abril 2023	EP 18	Acampamento Terra Livre, 3º dia
5 maio 2023	EP 19	Acampamento Terra Livre, 4º dia
9 maio 2023	EP 20	Acampamento Terra Livre, 5º dia
5 junho 2023	Minuto Coiab - EP1	**
22 junho 2023	EP 21	Acampamento Terra Livre
23 junho 2023	Minuto Coiab - EP2	Ferrovias EF-170 para Ferrograno
30 junho 2023	Minuto Coiab - EP3	Conferência sobre Mudanças Climáticas

Quadro 2 - Temáticas no *podcast* Amazônia Indígena. Fonte: As autoras, 2024.

Já o episódio de 27 de abril (episódio 18), que discutiu o genocídio histórico dos povos indígenas e a importância da demarcação das terras, foi um ponto crítico na análise. O Amazônia Indígena, ao enfatizar que a demarcação não é apenas uma questão de território, mas de direitos humanos, reforçou a interligação entre a luta pela terra e a luta pela preservação das identidades culturais e pela justiça histórica.

A discussão sobre a educação indígena nesse episódio aprofundou ainda mais essa crítica ao mostrar como a educação e a preservação cultural estão entrelaçadas, e como a negação dessas duas dimensões é um reflexo de um processo de marginalização e apagamento cultural sistemático. Em maio, a cobertura do *podcast* continuou a destacar temas fundamentais para os povos da Amazônia, mas também passou a ampliar a análise para questões estruturais.

O episódio de 5 de maio (episódio 19) revisitou o papel da comunicação indígena e a luta das mulheres indígenas contra a dupla discriminação. Aqui, o *podcast* abordou não só a discriminação de gênero, mas também a violência simbólica e estrutural que impede a visibilidade das mulheres nas esferas política e social. A comunicação, portanto, foi apresentada como uma ferramenta fundamental para a autonomia política e social das mulheres indígenas, permitindo a elas construir e divulgar suas próprias narrativas, longe da visão estigmatizada que frequentemente predomina nas mídias tradicionais.

No episódio de 9 de maio, o programa analisou a homologação das Terras Indígenas e o desafio constante enfrentado pelas comunidades para consolidar suas terras legalmente. A ênfase em financiamento para ações de resistência foi uma crítica direta às políticas públicas que negligenciam a realidade das comunidades indígenas, colocando-as em uma posição de

fragilidade política e econômica. Este episódio não apenas expôs a falta de apoio governamental, mas também refletiu sobre as estratégias de resistência e mobilização necessárias para enfrentar as dificuldades financeiras e jurídicas que as comunidades enfrentam.

Em junho, o *podcast* passou a incluir o formato “Minuto COIAB”, uma série de boletins rápidos que, apesar de sua concisão, foram estratégicos na atualização das discussões em torno da tese do Marco Temporal, da construção da Ferrogrão e da Conferência sobre Mudanças Climáticas. O episódio de 22 de junho (episódio 21) focou no monitoramento territorial, e embora a abordagem tenha sido informativa, foi necessária ao ligar essas questões a um contexto mais amplo de mobilização política e ambiental.

Ao tratar de temas como o Marco Temporal e a Ferrogrão, o *podcast* evidenciou como essas questões afetam diretamente a vida e a luta dos povos indígenas, não apenas em termos de exploração de recursos, mas em relação à erosão de direitos e ao encolhimento do espaço para a resistência indígena.

Durante todo o período analisado, o Amazônia Indígena não se limitou a ser uma plataforma de divulgação de eventos, mas se consolidou como um instrumento de reflexão crítica e mobilização política, destacando a interconexão entre a luta por direitos territoriais, a preservação cultural e os desafios socioeconômicos enfrentados pelas comunidades indígenas. O *podcast* se posicionou, portanto, como uma voz ativa e crítica na construção de um espaço de diálogo sobre questões indígenas, não apenas informando, mas também provocando e desafiando a audiência a reconsiderar suas concepções sobre as realidades enfrentadas pelos povos da Amazônia.

A introdução do “Minuto COIAB” evidenciou a capacidade do *podcast* de se adaptar às demandas de tempo e ao ritmo da mobilização indígena, fornecendo atualizações rápidas e direcionadas, mas mantendo sempre a reflexão crítica sobre os temas mais urgentes. Com isso, o *podcast* se afirmou como um instrumento dinâmico de resistência e conscientização, essencial para a construção de um debate público mais inclusivo, que realmente compreenda as complexidades e as urgências da luta indígena no Brasil.

## 5. IMPLICAÇÕES FUTURAS

O *podcast* Amazônia Indígena consolida-se como uma ferramenta estratégica para a defesa dos direitos dos povos indígenas e a valorização das culturas amazônicas. Mais do que um canal de expressão, essa iniciativa fomenta a mobilização das comunidades indígenas e promove um diálogo mais equilibrado entre esses povos e a sociedade em geral.

Por meio da disseminação de informações relevantes e atualizadas sobre temas como proteção territorial, desafios sociais e preservação cultural, o formato combate narrativas estereotipadas e promove uma compreensão mais respeitosa e autêntica das identidades indígenas. Seu formato acessível e dinâmico facilita o alcance de um público amplo e diversificado, ampliando a visibilidade das lutas e conquistas dos povos indígenas.

O uso do meio sonoro como veículo de comunicação reflete uma abordagem alinhada às tendências contemporâneas de consumo de mídia. Essa estratégia não apenas proporciona uma plataforma de voz ativa para os indígenas, mas também serve como um poderoso instrumento de educação e mobilização, essencial para fortalecer a conscientização e o engajamento social.

Além disso, o Amazônia Indígena demonstra como a inovação em comunicação pode contribuir para a justiça social e a preservação cultural. Ao sensibilizar diferentes segmentos da sociedade, o *podcast* incentiva a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso, fortalecendo o debate público e garantindo que as demandas e os direitos indígenas sejam ouvidos e valorizados.

O fortalecimento da presença indígena nos meios de comunicação enriquece a pluralidade de narrativas e impulsiona o reconhecimento da diversidade cultural e ambiental da Amazônia. O impacto do Amazônia Indígena vai além da informação: ele transforma a comunicação em uma ponte entre povos, culturas e perspectivas, promovendo um futuro mais justo e sustentável.

A continuidade e a expansão desse projeto são fundamentais para consolidar um espaço de comunicação que respeite e celebre a riqueza cultural e ambiental da Amazônia. Nesse contexto, o *podcast* reafirma seu papel como um agente de mudança e uma plataforma essencial para a construção de uma sociedade onde a equidade e o respeito aos povos indígenas sejam priorizados.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. Amazonialismo. *In*: ALBUQUERQUE, G.; PACHECO, A. S. (Eds.). **Uwa'kürü**: Dicionário Analítico. Rio Branco – Acre: Editora Nepan, 2016.

ARRUDA, R. S. V. Imagens indianas: sinais de intolerância. *In*: GRUPIONI, L. D. B.; VIDAL, L.; FISCHMANN, R. (Eds.). **Povos indígenas e tolerância**: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 43-62.

ATLAS DA NOTÍCIA. **Atlas da Notícia**, 2022. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ATLAS DA NOTÍCIA. **Atlas da Notícia**, 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

COUTINHO, I. M. S. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 39, 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em 24 set. 2021.

Inside Audio. **Kantar Ibope Media**, 2023. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023/>. Acesso em 25 ago. 2024.

SOBRE. **Amazônia Indígena**. [S.d.]. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6Hn6KCferLW4BdOuPF6cV>. Acesso em: 25 jun. 2023.

IJUIM, J. K. Jornalismo e humanização: heranças eurocêntricas de não pensar e de não fazer jornalistas. **Revista Extraprensa**, v. 13, n. 2, p. 91-108, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.159921>.

LUIZ, L. Podcasters brasileiros: uma “comunidade” em busca de visibilidade. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 16, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom Sudeste, 2011. Disponível. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0075-1.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2024.

MARQUES, G. **Amazônia: riqueza, degradação e pilhagem**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

NEVES, I.; CORREA, M. N.; TOCANTINS, R. A. Uma invenção do índio na mídia: silêncios, estereótipos e pluralidades. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 2, n. 40, p. 5-22, 6 jun. 2016. ISSN 0104-0944.

SILVA, G. N. **As fontes no podcast Mamilos: uma proposta de Análise Audioestrutural**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

SOUZA, I. M. L. **O net-ativismo indígena e a Covid-19: uma análise da página da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil no Instagram**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Maranhão, 2022.

VIANA, L.; CHAGAS, L. J. V. Categorização de podcasts no Brasil: Uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. *In: ENCONTRO NACIONAL DE*

HISTÓRIA DA MÍDIA, 13, 2021, Juiz de Fora. **Anais** [...]. Juiz de Fora: ALCAR, 2021.  
Disponível em: [https://redealcar.org/wp-content/uploads/2021/08/10\\_gt\\_historiadamidiasonora.pdf](https://redealcar.org/wp-content/uploads/2021/08/10_gt_historiadamidiasonora.pdf). Acesso em: 14 mai. 2024.

*Gessiela Nascimento da Silva*

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC). Mestre em Comunicação (PPGCom UFMA Imperatriz). Integra os Grupos de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp/UFMA), Rádio e Política no Maranhão (RPM/UFMA) e Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq).

*Ariel Rocha*

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Maranhão - Imperatriz. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Integra o Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cibercultura (GCiber/UFMA), onde desenvolve pesquisas sobre fontes jornalísticas, títulos jornalísticos e transformações nas rotinas produtivas motivadas pelas tecnologias digitais. Foi bolsista permanente de 2016 a 2018 no Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais (Connau/UFMA) e participou dos grupos de pesquisa Dinâmicas do Jornalismo (UFMA) em 2016 e Comunicação, Política e Sociedade (COPS/UFMA) de 2017 a 2019. Também foi pesquisadora voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

*Isabel Maria Sousa*

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (2018). No momento, desenvolve pesquisas com temas voltados para: netativismo, imaginário, povos indígenas e saúde.

*Quezia Alenca*

Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (PPGCOM/UFMA). Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), entre 2020 e 2022. Graduação completa em Comunicação Social - Jornalismo pela UFMA, concluída em 2019. Minhas pesquisas são voltadas para os seguintes temas: narrativas, jornalismo narrativo, região amazônica, jornalismo humanizado, reportagem e fontes jornalísticas. Tem experiência profissional na área de comunicação com ênfase em jornalismo, cobertura jornalística, assessoria de imprensa, comunicação política e institucional, produção audiovisual, marketing de conteúdo e social media.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional